

LITERATURA DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

TÍTULO ORIGINAL: “KZ-LITERATUR”

TÍTULO EM INGLÊS: “THE LITERATURE OF THE CONCENTRATION
CAMPS”

Wolfgang Borchert

Tradução: Rafael Rocca dos Santos¹

RESUMO: Wolfgang Borchert foi um autor de grande relevância para a literatura alemã do pós-guerra, fundando o que viria a ser chamada de “literatura de ruína”. Neste texto, o autor resenha alguns dos primeiros livros de relatos de campos de concentração aproximando-os de sua concepção poética e da função que ele dava à literatura para o mundo. Trata-se de um texto de 1947, portanto um dos primeiros textos a tratar de literatura de testemunho.

ABSTRACT: Wolfgang Borchert was an author of great relevance to the German post-war literature, creating the basis for what was later called “literature of ruins”. In this article, he reviews some books containing early testimonies of concentration camps, drawing them closer to his own poetics and what he thought was the meaning of literature for the world. It is a text from 1947, therefore one of the first writings to address the literature of testimony.

PALAVRAS-CHAVE: testemunho; Borchert; holocausto; literatura alemã

KEYWORDS: testimony; Borchert; Holocaust; German literature

¹ Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH-USP)

rocca@usp.br

“Hoje recebi um chute – LÚCIFER está à espreita. Hoje não recebi chutes – MIGUEL está ao meu lado. Hoje pude fritar bolinhos de batata sem ser perturbado – JESUS me empresta sua proteção. Hoje pude ver o pastor Niemöller – DEUS está caridoso, eu estou NELE”. E assim por diante.

Assim continua, entre Lúcifer e Miguel, com Deus e Jesus, por dois grossos volumes de mais de seiscentas páginas. Título: *2000 dias em Dachau e Cinco minutos para as doze*. Autor: K. A. Groß (Neubauer-Verlag).

Que se possa fazer negócios com o cristianismo é algo já conhecido há muito tempo. Que se possa fazer isso também com campos de concentração, é algo bem novo. O editor e ao mesmo tempo autor de ambos os volumes mencionados pode ainda mais. Ele pode as duas coisas, isto é: pode juntar cristianismo e campos de concentração em uma mistura saborosa, combinados audaciosamente. A fórmula é esta: em um estilo grosseiro-palreiro, ele começa a bater um papo e orar animadamente, misturando e desinibindo as coisas da religião com um materialismo de bolinho de batata totalmente espantoso e robusto, e abandona-se de uma maneira pouco pudica a hinos de devoção a Deus e ao clero (representado pelo “capitão da igreja” Niemöller), ao que ele não deixa de, toda vez e a cada três páginas, imprimir a palavra DEUS, JESUS ou ELE com letras maiúsculas (no fim, é para isso que se é um editor, para poder dar à gráfica tal ordem). Ainda, quando se pensa que K. A. Groß, além desses dois volumes que custam o preço elevado de 8,50 Reichsmarks, escreveu outras duas obras grossas sobre suas aventuras no campo, vem a suspeita involuntária de que não se trata aqui da maior tragédia humana dos últimos doze anos, mas sim de um empreendimento camuflado de cristandade, porém por fim altamente mundano.

O leitor de 1947 também não será horrorizado na medida em que deveria realmente quando escuta que o autor e padecente dos 2000 dias em Dachau, até próximo do fim da guerra, ainda tinha oportunidades e batatas o bastante para conseguir fritar bolinhos, e o leitor de 1947 somente poderia se perguntar, surpreso, queixando-se de que por fim ainda havia um tanto de pão no campo: tá, e daí?

A maré incessante e crescente da literatura de campos de concentração e de cárcere que começou tão esperançosamente com *Moorsoldaten* de Wolfgang Langhoffs (na Zinnenverlag) mostra, até aqui, somente pouco sucesso positivo e, a bem da verdade, valioso. Sim, pode-se quase dizer que o livro de Langhoff, que foi publicado já em 1934 na Suíça, ainda permanece o melhor. Talvez a vivência do campo de concentração seja tão monstruosa e angustiante, tão inapreensível em sua força aterrorizante, que uma figuração conclusiva exige um escritor realmente completo e grandioso. A tentativa de abordar a experiência do campo em uma forma poética ainda está dando os primeiros passos, de forma que se incondicionalmente prefere a outra forma possível da tradição, o relato jornalístico objetivo, uma crônica impessoal.

Ernst Wiechert (seu livro *Der Totenwald* foi publicado igualmente na Zinnenverlag Kurt Desch), que disse ele mesmo em seu prefácio que seu relato seria somente um prelúdio à sua obra, infelizmente não permanece consistente. Ele não teve a coragem de narrar na primeira pessoa; ao invés, ele chama a si mesmo de Johannes [João] (em uma relação significativa com seu parente de nome bíblico – senão ele não seria Ernst Wiechert!), e relata em um tom algo pastoral, poeticamente transfigurado, sobre o seu sofrimento e o de seus companheiros de prisão.

Com uma melancolia fatigada, sem forças, sua queixa cansada da vida soa desde a floresta dos mortos [Totenwald] perto de Weimar e, quando chega ao fim da paixão de Wiechert-João, larga-se o livro um pouco decepcionado. Não se fica convencido completamente do porquê o poeta se esconder atrás do pseudônimo Johannes, ao que, por outro lado, em cada linha se pode reconhecer o completamente personalíssimo Ernst Wiechert, e o compromisso entre relato e ficção parece pouco feliz. Na verdade, ter-se-ia esperado mais de Wiechert – ou teria o moinho do Reich de mil anos destroçado suas vítimas tão impiedosamente, de forma que essa censura seja injusta?

Como relato Luise Rinser também publicou seu diário de cárcere (Zinnenverlag), e seu trabalho se destaca por uma objetividade agradável. O livro não abala realmente; com isso, ao menos o sofrimento corporal é muito reduzido,

muito reduzido na relação do soldado do front ou da pessoa da cidade grande no porão de um abrigo antiaéreo, mas mostra com clareza impressionante, pavorosa, que a justiça de linchamento do Terceiro Reich não se deteve por nada, por absolutamente nada – nem pela mulher, pela mãe e pela moça. A mulher se tornou no império cavalheiresco do portador da cruz de cavaleiro um prisioneiro numerado igual ao homem, e na designação masculina “prisioneiro” para uma mulher manifesta-se toda a baixeza que nosso povo atingiu – e tornar tal fato da opinião pública claro é o mérito principal do diário de cárcere de Luise Rinser.

Ainda existe outro relato de uma mulher: *Viagem pelo último ato* de Isa Vermehren (Christian Wegner Verlag). O livro também poderia ter se chamado “Eminentes atrás do arame farpado”. Esse relato do campo de Ravensbrück é incomumente interessante e cativante – exatamente por que a autora conta de seus encontros com personalidades conhecidas nacionais e internacionais. Mas tal é ao mesmo tempo o ponto fraco do livro. Diante de nomes nada além de conhecidos ficou para trás o sofrimento do prisioneiro de campo sem nome, que se saiu em regra extraordinariamente pior do que os prisioneiros eminentes. Isa Vermehren tenta com fina psicologia feminina penetrar na essência e por trás dos motivos de suas guardas, porém as frases amiúde inteligentes que ela encontra para o problema geral e humano infelizmente não conseguem ocultar totalmente os detalhes, talhados um pouco ao sensacionalismo do público, sobre os condes ou as baronesas de tal-e-tal. Mas ambos os livros, o de Luise Rinser e o de Isa Vermehren, são de longe mais objetivos e valiosos do que as anotações de autores masculinos.

O ponto mais profundo e sombrio da literatura de campo de concentração até agora escrita é alcançado pelo “romance de desenvolvimento atual” de Wittman e Hunter: *Volta ao mundo para Dachau* (Kulturaufbauverlag Stuttgart). E que ele tenha ao mesmo tempo dois autores não o torna melhor. Esse livro é, em sua insipidez ingenuamente tosca, perigoso para o leitor e perigoso para quem, com honestidade e distância, preocupa-se em dizer algo decisivo sobre tais vivências. A insipidez e com ela o perigo para o público começa com a encadernação do livro: uma paisagem estilizada do Pacífico Sul com uma lua

argêntea, com três palmeiras solitárias e uma beleza de cabelos negros, esguia e exótica, que com gestos cheios de ânsia busca o amante distante. Assim como a capa, é o conteúdo. Um jovem vadio mundano, justamente da Turíngia, erra pelo mundo sobre terras e mares até que por fim pousa no Taiti, como uma cena aventureira na selva impregnada de Karl May, e ali encontra o amor de sua vida, a senhora Tete. Essa história de amor, e ainda duas outras experiências amorosas prévias, são em sua figuração tão superficiais e primitivas que causa a impressão de que esse “romance de desenvolvimento” se trata de uma literatura secundária barata para a juventude madura. Por fim, o herói da Turíngia e do Taiti cai ainda nas mãos da Gestapo, passa pelo que milhões passam, porém chega, porque ele é tão especialmente competente no campo, a *kapo* de cozinha e aguenta bem até o fim nesse posto nutritivo.

Dissonâncias e escalas menores na literatura de campo de concentração. Infelizmente, as dissonâncias têm, de longe, vantagem sobre os genuínos tons e é necessário valorar duplamente os relatos puramente objetivos. A isso pertence, antes de tudo, o belo livro mencionado de Langhoff, *Die Moorsoldaten*. Langhoff, que agora é intendente em Berlim, sabe, por toda sobriedade de suas declarações, comover em sua maior parte. É inesquecível o quadro comovente da paisagem de pântano perto do Mar do Norte: os prisioneiros organizam, em uma tarde colorida, um pequeno circo dentro do grande circo, e seus espectadores são os vigias da SS. A atmosfera da paisagem, a voz distinta do sofrimento e da saudade dos prisioneiros deixam o pessoal da SS confusos por um momento – o homem está diante de si, no avental de prisão de alguém, o outro no uniforme do senhor, ambos não somente bons, mas certamente também não maus. O relato de Langhoff de Börgermoor refuta de passagem a afirmação de que a situação ficou realmente ruim nos campos de concentração somente nos últimos anos de guerra. O que o autor viveu aqui em 1933 não se secunda em nada aos acontecimentos de 1944/45 – Dachau ou Buchenwald –, quando muito na escala.

Um lamento reconfortante, puro, está mais longe do relato totalmente impessoal e muito objetivo do escritor hamburguês H. Ch. Meier, do campo de concentração de Neuengamme: *Foi assim* (Phönix-Verlag Hamburgo). Meier

permanece tão bem objetivo, da mesma forma que Langhoff, que seu livro se eleva acima da massa dos outros que se inclinam à revoada de besteiras poéticas.

Cabe à Phönix-Verlag o mérito de ter lançado, fora o relato de Meier, o livro excelente de Walter Poller: *Escrivão médico em Buchenwald*. Enquanto Meier dá uma grande visão geral, renunciando a detalhes e ele mesmo muito retraído, Poller escreveu uma ampla crônica bastante elaborada do campo de concentração de Buchenwald, muito precisa e muito minuciosa. O autor pôde, como escrivão do médico do campo, enxergar profundamente atrás do cenário do sistema diabólico, cujo objetivo era extirpar todas as pessoas que por algum motivo não correspondiam à norma dos robôs de massa pardos. Poller escreve a história do extermínio organizado, dos métodos desumanos de atirar pessoas contra pessoas, dos infernos do estado ideal de misericórdia de Himmler no qual mesmo os candidatos à morte eram uniformizados e precisavam estender a si, até o fim horrível na câmara de gás, a bênção da disciplina prussiana (as quatro litografias de Richard Grüne são como que o selo para esse documento da monstruosidade).

Esses três testemunhos do passado mais recente são, sem dúvida, os mais valorosos. Um pequeno ganho a tanto custo! Eles não destroem o gosto de um público leitor infelizmente amiúde ávido por sensações e não provocam a defesa frequentemente autorizada contra a literatura dos campos de concentração que se dá a reconhecer, ao lançamento de um novo livro, com o brado: Ah, Deus, de novo os campos! Esses três livros, o de Langhoff, o de Meier e o de Poller, pertencem ao necessário de que hoje precisamos para melhor moldar o futuro.

De passagem, anotar-se-ia mais um livro que por seu conteúdo é pensado somente para um pequeno círculo de leitores. Trata-se dos sermões de Dachau que, sob o título *A porta arrombada*, reúnem uma série de rezas que os religiosos, rigorosamente separados em Dachau dos prisioneiros restantes, prepararam para si mesmos. Muitas palavras corajosas foram ditas ali – porém amiúde desde uma estranheza de vida que quase consterna. Fuga a um outro

mundo, talvez a um melhor; seguramente, porém, só a um mundo morto de concepção teológica. Apesar disso, esse livro tem sua legitimidade e seu valor – é o relato de uma fuga ao espírito, e isto só poderia se chamar Deus ou Cosmos.

Nenhuma pessoa fatalmente doente se dedicará no leito de morte a estudar as curvas de febre, e é completamente compreensível que, na Alemanha de 1947, na qual a fome e o frio se tornaram quase vizinhos, a literatura de campo de concentração não consiga grandes seguidores. Os prisioneiros tinham fome? Também a temos. Os prisioneiros morreram de frio? Também morremos. Amontoam-se os mortos diante dos crematórios? Se continuar assim, logo o faremos de novo. Os prisioneiros foram encarcerados? Os milhares de prisioneiros de guerra também. E assim por diante – é a justificativa da recusa à literatura dos campos de concentração. Se ela é justa ou injusta, ninguém hoje pode decidir. É necessário, porém, que as pessoas, que precisaram suportar a monstruosa anarquia do regime passado, escrevam esse capítulo dos mais sombrios dos tempos de nossa história para fins de alerta e de admoestação, para os mortos e os vivos.

O homem está sozinho no palco escuro e clama por Deus – vem resposta? O penúltimo ato da tragédia humana chegou ao fim. Se acaso o último ato trará a aniquilação ou a ressurreição é a questão que, como uma sombra gigantesca, paira sobre nós todos.